



A língua árabe no contexto plurilíngue de Foz do Iguaçu: estratégias de gestão e de manutenção

Arabic language in the plurilingual context of Foz do Iguaçu: management and maintenance strategies

*Isis Ribeiro Berger**

*Lívia Cristina Carvalho da Fonseca***

RESUMO: O presente artigo tem como tema as estratégias de gestão e manutenção da língua árabe no contexto plurilíngue de Foz do Iguaçu, tendo como objetivo analisar de que maneiras essa língua tem sido gerida e mantida por sua comunidade nesse município. Para tanto, a pesquisa foi desenvolvida sob a ótica da Política Linguística (CALVET, 2007; 2015; SPOLSKY, 2009; 2016) e teve como aporte teórico discussões e reflexões em torno das formas de gestão de línguas (SPOLSKY, 2009; 2016) pela comunidade, seja no âmbito familiar, como língua de herança (FLORES; MELO-PFEIFER, 2014), seja nos espaços públicos e na paisagem linguística (GORTER, 2006; CENOZ; GORTER, 2006). O trabalho resulta de investigação de abordagem qualitativa, envolvendo pesquisa bibliográfica, observação em campo e entrevistas.

PALAVRAS-CHAVE: Língua árabe. Gestão de línguas. Manutenção linguística. Políticas linguísticas.

ABSTRACT: This article is about strategies for managing and maintaining the Arabic language in the plurilingual context of Foz do Iguaçu. It presents a study aiming at analyzing the ways in which the Arabic language has been managed and maintained by its community. In order to do so, the research was developed under the perspective of the Language Policy (CALVET, 2007; 2015; SPOLSKY, 2009; 2016), and it had as theoretical foundations the discussions on language management (SPOLSKY, 2009; 2016) by the community, both as a heritage language (FLORES; MELO-PFEIFER, 2014) and in the linguistic landscape (GORTER, 2006; CENOZ; GORTER, 2006). The article was a result from qualitative research, involving bibliographical research, field observation and interviews.

KEYWORDS: Arabic language. Language management. Language maintenance. Language policies.

* Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora adjunta da Unioeste. Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras. isisrberger@gmail.com

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras. Bolsista Capes/DS. lifonseca13@gmail.com

1. Introdução

O município brasileiro de Foz do Iguaçu, PR, situado na fronteira com o Paraguai e a Argentina, é internacionalmente conhecido não só por suas atrações turísticas, como as Cataratas do Iguaçu e a Usina Hidrelétrica de Itaipu, mas também por abrigar, assim como suas vizinhas Puerto Iguazu (AR) e Ciudad del Este (PY), comunidades linguísticas diversas. A complexidade sociolinguística da região é fruto não só de sua localização na fronteira com dois países hispanofalantes, mas também da presença de comunidades indígenas, e também de imigrantes e descendentes de chineses, coreanos, indianos, portugueses, libaneses, palestinos, entre outros que se estabeleceram nessa zona de fronteira em diversos momentos históricos.

Com uma expressiva presença de diferentes grupos étnicos e a intensa circulação de turistas, as três cidades caracterizam um cenário não somente multicultural, mas também plurilíngue. Além do encontro dos idiomas oficiais de cada país (espanhol na Argentina, português no Brasil, espanhol e guarani no Paraguai), nessa zona de fronteira, outras línguas somam-se a esse ambiente sociolinguístico, o que pode ser verificado na paisagem linguística urbana, conforme já discutido por Silva, Pires-Santos e Jung (2016) e Berger e Elsenbach (2017). Além da língua inglesa, por exemplo, que é fortemente vista nos outdoors, nas sinalizações, nos panfletos e nas vitrines com o objetivo de atrair e informar os turistas que visitam a região, em razão de processos de globalização que culminaram em elevado estatuto dessa língua e na sua presença marcante na paisagem de diversas cidades brasileiras, observa-se também, ainda que em diferentes proporções, várias outras línguas em circulação. Trata-se de línguas maternas de vários grupos de imigrantes e descendentes que estão presentes na paisagem urbana e que se veem refletidas em diversos espaços, o que também se constata pela diversidade de instituições religiosas e de culto, que se dá em línguas que não só o português, bem como por diferentes manifestações culturais e modos de ser e de viver nesse espaço transfronteiriço.

Este artigo visa analisar as formas de gestão e manutenção da língua árabe no território transfronteiriço de Foz do Iguaçu, PR. Trata-se de uma língua que possui grande visibilidade no município, já que em Foz do Iguaçu se encontra a expressiva presença da segunda maior comunidade árabe existente no Brasil. As discussões presentes neste texto partem de pesquisa realizada no âmbito do projeto *Gestão do multi/plurilinguismo e políticas linguísticas no espaço fronteiriço trinacional*, que tem como intuito compreender e analisar o fenômeno da gestão do multi/plurilinguismo, entendido como conjunto de ações/estratégias/práticas implementadas por variados agentes na gestão da coexistência de um número de línguas e de seus usos em diversos domínios (SPOLSKY, 2009). Para tanto, considerando o lugar que a língua árabe ocupa no município, procede-se à discussão das formas de gestão dessa língua, a partir de reflexões em torno da manutenção de línguas minoritárias (SEIFFERT, 2009), estudos sobre identidade do povo árabe (SILVA, 2008; YKEGAYA, 2006; FERNANDES, 2014) e reflexões em torno da manutenção dessa língua de herança (FLORES; MELO-PFEIFER, 2014). Este trabalho, desenvolvido sob a perspectiva das políticas linguísticas (CALVET, 2007, 2015; SPOLSKY, 2016), é resultante de investigação de abordagem qualitativa realizada no ano de 2017, envolvendo pesquisa bibliográfica, observação em campo e entrevistas.

Em se tratando da organização do texto, inicialmente apresentamos uma breve contextualização da imigração dos árabes para o Brasil, em geral, e para Foz do Iguaçu, em particular. Na sequência, abordaremos a língua árabe tratando de seu estatuto em seu contexto fronteiriço. Em seguida, discutimos as formas de gestão da língua árabe a partir de reflexões a respeito da gestão de línguas em Foz do Iguaçu, no âmbito familiar, entre a comunidade e na paisagem linguística.

2. A imigração árabe no Brasil e em Foz do Iguaçu

Para compreender as questões que envolvem a gestão da língua e a identidade da comunidade árabe residente em Foz do Iguaçu, faz-se necessário situar como ocorreu o processo de imigração desse grupo para a América do Sul. Esse panorama nos auxilia a compreender a presença dessa comunidade no município.

De acordo com Ykegaya (2006), a imigração árabe para o Brasil data do final do século XIX, por volta de 1885. Tratava-se de jovens homens, solteiros, oriundos do que na época chamava-se Grande Síria, que hoje compreende os estados do Líbano e a região da Palestina¹. Eles embarcaram rumo aos Estados Unidos da América, tentando uma vida melhor longe da crise econômica e ideológica resultante da dominação otomana pela qual passava seu país de origem. Contudo muitos não conseguiram chegar ao destino final devido à saúde ou motivos legais, o que mudou o percurso da imigração para países da América Latina como o Brasil e a Argentina.

Ainda, segundo a autora, esses jovens tinham um objetivo definido em sua imigração: trabalhar e enviar dinheiro à família que ficou no oriente e regressar ao país de origem. Para isso, trabalhavam como mascates, ou seja, atuavam como comerciantes autônomos, uma profissão que não exigia muitos recursos financeiros para começar e nem domínio imediato da língua local. Além de oferecer mobilidade e rendimento imediato, essa profissão auxiliava os imigrantes a se inserirem na sociedade brasileira.

A mascateação se tornou uma atividade de sucesso entre os imigrantes árabes e acabou mudando o objetivo de regresso. Além disso, a situação do país de origem ainda era precária. No início do século XX, houve a queda do Império Otomano e o

¹ Em relação à língua árabe falada nesses países, é importante observar que há uma variedade “cultura e gramatical”, chamada de árabe clássico, e uma variedade popular (também chamada coloquial), amplamente utilizada pela população em conversas informais, estando sujeita às variações regionais. Entre os imigrantes, fala-se o árabe coloquial (ARRUDA, 2007; AL-SOBH; ABU-MELHIM; BANI-HANI, 2015).

início da dominação franco-inglesa naquela região, o que foi um determinante que levou à permanência desses imigrantes no Brasil e à decisão de trazer famílias inteiras que lá haviam ficado. Muitos árabes eram sujeitos instruídos com ideologias fortes e se recusavam a se submeter a tais dominações, preferindo assim imigrar (YKEGAYA, 2006). Todavia, mesmo longe da terra natal, a união entre os membros da colônia sírio-libanesa sempre foi forte e, como comunidade, criaram formas de manter suas culturas, tradições e costumes, prezando sempre pelos laços que já tinham estabelecido no país de origem. Dentre esses elementos, a língua árabe constitui-se como forte símbolo identitário e que se relaciona à cultura desses grupos.

Com o passar do tempo, vários imigrantes foram se estabelecendo na sociedade brasileira e trocando a atividade de mascates por empreendimentos comerciais. Conforme Ykegaya (2006), as primeiras lojas na cidade de São Paulo datam do ano de 1893.

Atraídos pela localização estratégica facilitadora para atividades comerciais, o processo migratório para a cidade de Foz do Iguaçu inicia-se a partir de 1918 e com mais intensidade a partir de 1945 (cf. YKEGAYA, 2006). Conforme Silva (2014, p. 111), “os primeiros árabes que chegaram à Tríplice Fronteira em geral vinham por Santos, encontravam-se com os patrícios em São Paulo e procuravam um lugar onde fosse possível estabelecer algum tipo de comércio”. A cidade tornou-se ainda mais propícia para o comércio com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu nos anos 1970. Essa grandiosa obra proporcionou um *boom* populacional de 380% na cidade em um período de 20 anos (GUARESHI, 2001 *apud* YKEGAYA, 2006), o que foi essencial para o estabelecimento dos comerciantes árabes na fronteira. Além disso, o acordo do Mercosul que permitia a circulação de bens entre Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai (WANIEZ; BRUSTLEIN, 2001 *apud* YKEGAYA, 2006) e o agitado comércio de *Ciudad del Este* (Paraguai), que chegou a ser o terceiro maior do mundo nos anos 1990 (SILVA,

2008), favoreceu ainda mais aos árabes que possuíam comércios do outro lado da Ponte da Amizade².

Hoje, Foz do Iguaçu é a segunda maior colônia árabe brasileira, atrás apenas da cidade de São Paulo, SP. Conforme Silva (2014, p.112), a presença cultural dessa comunidade na região da tríplice fronteira “pode ser representada pela gastronomia (restaurantes, açougues, mercados, descrias), mas também pela presença física de uma Mesquita, associações e até uma escola Árabe-Brasileira”. Estima-se que cerca de 15.000 a 20.000 árabes vivam na cidade, oriundos principalmente do Líbano (SILVA, 2017). Assim como os primeiros imigrantes, essa comunidade procura manter forte seus laços com a terra natal, recriando as tradições e, principalmente, passando os costumes culturais – e sua língua de herança – de geração para geração (FERNANDES, 2014; SILVA, 2008, 2017; YKEGAYA, 2006).

3. A língua árabe no contexto transfronteiriço

Conforme abordado, com a presença de tantos grupos de imigrantes e a circulação de pessoas entre as fronteiras, Foz do Iguaçu, juntamente com suas cidades gêmeas (*Puerto Iguazú – AR, Ciudad del Este – PY*), é caracterizada por ter um cenário sociolinguisticamente complexo, sendo plurilíngue e multicultural. Dentre as diversas culturas e línguas presentes na região, a língua árabe tem considerável destaque não só pela presença na paisagem linguística, como abordaremos adiante, mas também por ser uma língua que está vinculada a manifestações culturais de visibilidade no município.

Devido a interação desse grupo com as diferentes línguas que estão em situação de contato no município de Foz do Iguaçu e região transfronteiriça, os membros dessa comunidade linguística tendem a desenvolver repertórios linguísticos em geral

² A Ponte da Amizade, inaugurada em 27/3/1965, une as cidades de Foz do Iguaçu (Brasil) e *Ciudad del Este* (Paraguai).

plurais, constituídos de várias formas, podendo ser bi- ou plurilíngues em diversos níveis de competência. Silva (2017) relata a diversidade de contextos linguísticos da comunidade árabe de Foz do Iguaçu, sendo composta por sujeitos monolíngues (imigrantes recém-chegados que falam inicialmente apenas o árabe), bilíngues (falantes de português e árabe) e multilíngues (além de português e árabe, muitos falam espanhol, língua dos países fronteiriços, e o inglês, amplamente ensinado nas escolas da cidade). Em razão das diferentes formas de aquisição e interação com a língua árabe, esta não só se constitui como língua materna de muitos imigrantes, mas também como língua de herança de seus descendentes. Ou seja, a língua materna de imigrantes (1ª geração), utilizada em espaços sociais acolhedores de línguas dominantes, é transmitida juntamente com a cultura desse grupo para seus descendentes, de uma geração à outra. A respeito do falante de herança, Flores e Melo-Pfeifer (2014) afirmam que:

O FH [falante de herança] refere-se, nesta área de investigação, a emigrantes de segunda (ou terceira) geração que adquirem duas línguas na infância em contextos de aquisição divididos entre o espaço familiar e o espaço social fora da família (no qual se inclui a escola). A LH [língua de herança] é a língua falada no seio da família, isto é, a língua de origem do emigrante. Em geral, esta é a primeira língua à qual a criança é exposta. (FLORES; MELO-PFEIFER, 2014, p. 18-19)

Assim como Silva (2017) relata em sua pesquisa, na comunidade árabe há imigrantes recém-chegados (alguns inclusive na condição de refugiados) que falam apenas a(s) língua(s) que trouxeram do Oriente Médio. Há, porém, os descendentes que, por assim dizer, herdaram a língua e com ela possuem uma relação de identidade, no sentido que é a língua de seus antepassados e à qual são expostos no seio familiar e na comunidade linguística de referência. Outros a aprendem concomitantemente às outras línguas faladas no município, dentre as quais a língua portuguesa, oficial do país de residência.

No que se refere à língua no espaço territorial em que a comunidade está inserida, o árabe, embora tenha uma presença marcante no município, pode ser caracterizado como língua minoritária no território em que a língua portuguesa é a majoritária e oficial do país de acolhimento. A língua majoritária tem influência na manutenção da língua de herança em virtude do contato que o falante tem em suas relações sociais dentro e fora da comunidade, já que ele é exposto “de maneira desequilibrada às duas línguas” (FLORES; MELO-PFEIFER, 2014, p. 19). Desequilibrada no sentido que, em um ambiente plurilíngue, são diversas as línguas às quais o falante está exposto em uma base diária, tanto na paisagem linguística quanto nos espaços sociais frequentados, no acesso à mídia, etc. Desse modo, não há como o falante desenvolver competências similares e “perfeitas” em línguas diferentes, em todas as habilidades, constituindo, dessa forma, um bi/plurilinguismo dinâmico e plural.

Flores e Melo-Pfeifer (2014), sob a ótica da Didática de Línguas, analisam a língua de herança em uma perspectiva plural e dinâmica que valoriza o repertório heterogêneo do falante de herança. Em relação a isso, as autoras adicionam que:

Esse repertório é constituído pela língua minoritária (que chamamos de LH aqui), pela língua majoritária, pelas línguas estrangeiras presentes no currículo escolar e até pelas restantes línguas que circulam na paisagem linguística (visual e sonora) do país de acolhimento. (FLORES; MELO-PFEIFER, 2014, p. 21-22)

Em complemento, referenciam-se em Blommaert para justificar as competências parciais da língua. Segundo o linguista, uma criança pode ouvir seus pais usar uma língua, entender e ser capaz de lhes responder, embora nunca tenha aprendido a língua efetivamente de modo formal, o que não significa que devido à competência ser desigual, ela não faça parte de seu repertório (BLOMMAERT, 2010 *apud* FLORES; MELO-PFEIFER, 2014).

Tendo feito essas considerações, entende-se que a língua árabe, além de ser a língua materna de imigrantes recém-chegados e refugiados na fronteira, caracteriza-se como língua de herança de descendentes oriundos da imigração realizada no início do século XX. Essa comunidade que se formou em Foz do Iguaçu, principalmente, tem um número expressivo de sujeitos e a sua língua compõe, juntamente com outras línguas de imigrantes, línguas estrangeiras e a língua majoritária, o quadro sociolinguístico da fronteira trinacional Brasil, Paraguai, Argentina.

Dito isso, parte-se para a análise das estratégias utilizadas para a gestão e a manutenção dessa língua de herança em Foz do Iguaçu.

4. A gestão da língua árabe no município de Foz do Iguaçu

Este trabalho se desenvolve sob a ótica da Política Linguística, campo de investigação que visa compreender e analisar as ações e as intervenções nas línguas e os seus usos na sociedade. Segundo o sociolinguista Louis-Jean Calvet, as políticas linguísticas referem-se, grosso modo, a “um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua (s) e vida social” (CALVET, 2015, p. 133). Essas escolhas – intervenções, por assim dizer – em torno das línguas podem se dar em diferentes instâncias e em meio a diferentes grupos sociais, tanto em um nível macro como no âmbito das intervenções do Estado ou instituições de alto poder, ou emergindo de escolhas e demandas locais, baseando-se em necessidades de grupos que agem e resolvem questões relacionadas aos usos das línguas em níveis micro (SPOLSKY, 2009). Nesse sentido, Calvet afirma que “não importa que grupo pode elaborar uma política linguística: fala-se, por exemplo, de ‘políticas linguísticas familiares’” (CALVET, 2015, p. 133).

As políticas linguísticas, sejam elas verticais (implementadas por governos, Estados, em níveis macro) ou insurgentes (a partir de demandas locais), partem sempre de escolhas. Estas estão relacionadas a fenômenos sociais que envolvem os

falantes das línguas e das comunidades. Conforme Spolsky (2009), esses fenômenos vinculam-se a crenças em relação às línguas, comportamentos dentro e fora de um determinado espaço social.

Ainda segundo Spolsky (2009, 2016), as políticas linguísticas têm três componentes interligados, mas independentes: as práticas linguísticas (escolhas e comportamento do falante que acabam por fornecer o contexto linguístico para a aquisição de línguas), as crenças sobre a língua (valores atribuídos às línguas na sociedade) e a gestão das línguas propriamente dita (esforço de alguém ou algum grupo para modificar as práticas e as crenças de um determinado domínio).

No que tange à gestão de línguas, entende-se que se trata de estratégias para administrar e gerir os usos de uma língua em determinado espaço social (BERGER, 2015). No que se refere aos agentes da gestão, entende-se que estes podem ser participantes que, em dado domínio (escola, família, igreja, por exemplo), possuem ou clamam possuir maior autoridade sobre os outros. Nesse sentido, o gestor toma para si a incumbência de direcionar e orientar os participantes de determinado domínio (de modo consciente ou não) a usar as línguas de dada maneira (SPOLSKY, 2009, 2016). Em um domínio familiar composto por imigrantes, por exemplo, o exercício dessa autoridade pode se dar na figura dos pais e dos membros da comunidade com maior influência sobre os participantes, visando, por exemplo, manter o ensino da língua de herança a seus descendentes no país de acolhimento.

Também em outros domínios, como espaços de culto e mesmo em espaços urbanos de grande visibilidade, membros da comunidade podem exercer influência na exposição e na manutenção de suas línguas em meio social. Trata-se de considerar, portanto, que como a gestão da língua é um fenômeno social, ela pode ser verificada em diferentes situações de uso e interação.

A gestão de línguas na família, assim como em outros domínios, recebe influências internas e externas, já que os participantes tem papéis sociais em diferentes

espaços. Isso acaba por intervir nas práticas linguísticas verificadas dentro do lar. Um exemplo disso é a influência recebida por filhos de imigrantes que frequentam escolas onde se fala apenas a língua majoritária. Para famílias que vivem em um contexto sociolinguístico transfronteiriço e plurilíngue, manterem-se alheias às influências externas na gestão familiar é, de certo modo, impossível, considerando as relações sociais dos participantes e as diferentes situações de interação linguística. Sendo assim, pais que têm como objetivo manter as práticas linguísticas familiares baseadas na língua de herança, por exemplo, fazem uso de uma gestão familiar baseada em estratégias pontuais. Nesse sentido, Spolsky (2009) menciona algumas formas de intervenção que podem fazer com que a gestão familiar seja bem-sucedida, como o controle das línguas faladas no domínio familiar; o controle do uso de meios de comunicação em língua majoritária; e a presença de falantes da língua de herança como visitas constantes do lar. O autor adiciona que o sucesso do gestor se deve não apenas ao exercício de sua autoridade, mas também à crença que os falantes têm sobre a língua-alvo.

Diante dessa exposição, nas seções seguintes trataremos da gestão da língua árabe em diferentes domínios no espaço de Foz do Iguaçu.

4.1. A gestão da língua árabe entre a comunidade de Foz do Iguaçu

Silva (2017), no capítulo intitulado *Diverse migration trajectories, diverse linguistic repertoires, local and transnational ties: arabic speakers in Foz do Iguaçu*, afirma que a língua árabe é aprendida na gestão familiar. Isso se dá de uma maneira que Spolsky chama de *organized management*, ou gestão organizada, que se refere a quando o gestor se dá conta de que há um “problema” a ser resolvido em seu domínio e utiliza-se de estratégias para resolvê-lo.

Através do projeto *Gestão do multi/plurilinguismo e políticas linguísticas no espaço trinacional*, realizamos entrevistas que corroboram as teorias delineadas neste trabalho.

As entrevistas tiveram como objetivo obter informações entre imigrantes árabes residentes na cidade sobre de que maneira a língua vem sendo mantida pela comunidade num contexto plurilíngue. Foram feitas perguntas a respeito da importância da língua árabe em seus lares na infância e na atualidade; de que maneira ocorre a gestão da língua em seus lares; e a relação da língua com a cultura e a religião. As participantes, Leila e Maya³, imigrantes libanesas residentes em Foz do Iguaçu desde a infância, relatam a gestão de línguas em suas famílias e na comunidade árabe como um todo.

Conforme apresentamos na sequência, na fala de Leila, observa-se a decisão da família nuclear (tomada pelo gestor, no caso, o pai imigrante) em manter a língua de origem nas relações cotidianas do lar, ensinando-a para os filhos, mesmo sendo a língua minoritária. A entrevistada relata a influência do fator externo da língua portuguesa que ela e seus irmãos, quando pequenos, recebiam em outros domínios, contudo a gestão familiar continuou prezando pela língua de herança.

Assim que a gente chegou pro Brasil, meus pais vieram e nós entramos na escola pequenos e começamos o processo de alfabetização. Como a língua deles, mãe, é o árabe, então eles tinham muita dificuldade em falar a língua portuguesa, aí o que acontece, em casa eles se comunicavam com nós em língua árabe. E eles se comunicando com nós em língua árabe, a gente acabou aprendendo a falar a língua árabe, né. Mesmo na escola a gente aprendendo português convivendo com os amigos, com a sociedade, a língua mãe sendo o português, em casa sempre dominou a língua árabe. Na verdade, depois disso nós crescemos, né, e a língua árabe em casa se manteve, enquanto fora de casa a gente falava o português, fala ainda o português, mas enquanto dentro de casa, junto com a comunidade, a gente sempre tenta falar a língua árabe (LEILA, entrevista em 22/08/2017).

Ainda na pesquisa de Silva (2017), é constatado que as famílias de imigrantes e descendentes falantes da língua árabe residentes em Foz do Iguaçu optam, muitas

³ Os nomes das participantes da pesquisa foram substituídos de modo a preservar o anonimato delas.

vezes, por expandir a gestão familiar matriculando os filhos em escolas formais de ensino de árabe. Suas fortes crenças na língua árabe motivam-nos a acreditar que ela pode ser usada não somente no espaço social do lar, mas também nas situações interacionais que envolvem a religião islâmica e as relações comerciais.

A gestão familiar da língua adotada pelas famílias da comunidade árabe dependerá também, segundo a autora, do quão engajados estejam com a religião islâmica e do quão interessados estejam em reproduzir a língua no domínio familiar. Alguns pais acreditam que as escolas de denominação xiita⁴ são mais rigorosas no ensino da língua e, mesmo sendo sunitas, matriculam seus filhos nesses estabelecimentos para manter a gestão familiar. Outros preferem que os filhos estudem em escolas brasileiras, mas continuam ensinando a língua de herança em casa (SILVA, 2017).

Em seus estudos sobre a identidade da comunidade árabe⁵ presente na fronteira trinacional, Ykegaya (2006) menciona que a língua árabe funciona como um elo com a religião e a terra de origem. Isso pode ser verificado nas falas de Leila e de Maya, o que remete para mais um traço da gestão linguística realizada pelas famílias de imigrantes e descendentes árabes a fim de manter sua língua de herança:

[...] tá preservando a nossa religião, porque o Islã na verdade, que é a religião que a gente pratica, ele é falado, é recitado em língua árabe, o Alcorão é, ele veio escrito em língua árabe. A gente tem a obrigação de aprender a língua árabe pra que a gente possa recitar o Alcorão em língua árabe, que é a língua original do nosso livro sagrado. Então, uma das necessidades de se falar e se manter o árabe é a religião. É manter a religião na sua língua original (LEILA, entrevista em 22/08/2017).

⁴ A religião islâmica, fundada pelo profeta Maomé em Meca no ano de 622 d.C, possui duas principais subdivisões: os sunitas e os xiitas que, muito embora sigam os preceitos do livro sagrado Alcorão, possuem ideais distintos (ARRUDA, 2007; FERNANDES, 2014).

⁵ De acordo com Silva (2017), a comunidade não é homogênea, a maioria é composta por membros cuja origem é libanesa, havendo ainda a presença de palestinos, jordanianos e sírios. Arruda (2007) cita dados de 2006 acerca da população árabe em Foz do Iguaçu. Segundo a autora, à época, 2.489 pessoas provinham de países árabes e, destas, 2.353 do Líbano.

É uma geração que a gente continua a seguir, desde pequeno. Com o tempo ela (a filha Soraya de 3 anos) já aprendeu a ler o Alcorão Sagrado, sabe agradecer a Deus quando ela já termina a refeição (MAYA, entrevista em 22/08/2017).

Diante do exposto, foi possível também identificar a importância da religião islâmica na manutenção dessa língua. A autora defende que a religião faz parte da identidade do imigrante árabe, do seu sentimento de pertença, e pode-se dizer que é através da língua que se pratica o ser muçulmano, já que o Alcorão deve ser lido e recitado na língua original. As afirmações de Ykegaya sobre o sentimento de pertença que se dá em torno do domínio da língua para o imigrante árabe vão ao encontro das crenças linguísticas citadas por Spolsky (2009, 2016), pois, para essa comunidade, ter conhecimento de sua língua de herança, mesmo sendo esta uma língua minoritária no contexto plurilíngue na qual está inserida, significa publicamente “afirmar a pertença a um determinado grupo na cidade, a comunidade libanesa islâmica” (YKEGAYA, 2006, p. 94, 95).

A entrevistada Leila compartilha sua crença a respeito da língua árabe e corrobora esse sentimento de pertença ao citar o que vem em sua memória quando fala de sua língua de herança.

[...] a língua árabe ela não é só um meio de comunicação pra nós, ela abre caminhos pra outros mundos, a partir do momento que você fala outra língua, você abre caminho para outros mundos, pra outras culturas, então, a partir do momento que a gente tá falando outra língua, a gente tá se comunicando em outra língua, a gente relembra, vem à nossa memória a cultura desse povo que fala essa língua, a vestimenta, a alimentação, a gastronomia, no caso né, a dança, o folclore, é o próprio país que fala a língua, tudo remete, todas as lembranças se remetem a esse país. Só do fato da gente estar falando a língua, músicas, os dialetos, os ditados, então assim um dos fatores da gente estar sempre falando a língua dentro de casa seria esse, de tá abrindo caminho pra outros mundos e tá preservando a nossa cultura [...] (LEILA, entrevista em 22/08/2017).

Além disso, ela menciona a gestão familiar, o “falar dentro de casa” como sendo algo importante para a manutenção da língua e de sua própria cultura.

A manutenção linguística está intrinsecamente relacionada com a gestão de línguas, pois a partir de uma gestão eficaz, uma língua pode ter vitalidade ou ainda ser revitalizada (SPOLSKY, 2009). Seiffert (2009) cita Giles, Bourhis e Tayler e Appel e Muysken para explicar fatores que facilitam o processo de manutenção. Ele chama atenção para o que os autores denominam de *status* sócio-histórico e fator demográfico. O primeiro remete às comunidades, nesse caso de imigrantes, “que tiveram que defender sua identidade étnica ou sua independência” (SEIFFERT, 2009, p. 63). Pode-se associar a esse *status* a história da imigração árabe, descrita na primeira seção deste artigo, que entre outras razões ocorreu por motivos ideológicos: muitos decidiram migrar por não aceitar o domínio otomano e franco-inglês (cf. YKEGAYA, 2006, p. 65). Nos tempos atuais, a comunidade árabe tem sido ativa nos movimentos pró-Palestina.

A respeito do fator demográfico, Seiffert (2009) afirma, com base nos autores previamente citados, que:

Os fatores demográficos apresentados pelos autores para a manutenção de línguas fazem referência ao número de membros de um grupo linguístico minoritário e sua distribuição geográfica. Geralmente a distribuição geográfica dos membros de grupos minoritários afeta a manutenção e a substituição linguística de uma forma considerável. Entre os argumentos apresentados para tal, destacamos o fato de que, se vivem concentrados em certas áreas, os grupos minoritários têm mais oportunidades de manter sua língua (SEIFFERT, 2009, p. 63).

Spolsky (2009) corrobora esta afirmação, quando menciona que a “escolha do bairro e da escola são fatores importantes para a gestão familiar”. Em Foz do Iguaçu, a comunidade árabe se encontra concentrada nos bairros Jardim Central, Jardim Jupira e Vila Portes, os dois últimos próximos à fronteira com o Paraguai. Não apenas suas residências, mas também seus comércios, templos, associações, escolas, conforme o

conceito Fator Demográfico explica, contribuem para que a língua minoritária e de herança seja mantida. No Jardim Central, por exemplo, localiza-se na rua Meca a mesquita sunita *Omar Ibn Al-Khatab*, o Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu e uma confeitaria árabe. Já na rua Palestina, localiza-se a Escola Árabe Brasileira. Repare-se que, mesmo do ponto de vista toponímico, a presença da língua e da cultura árabes está bastante presente.

4.2. A gestão da língua árabe na paisagem linguística

Em um ambiente transfronteiriço como o de Foz do Iguaçu, torna-se pertinente para os estudos sociolinguísticos pensar de que maneira as línguas estão dispostas visualmente na cidade. Para tanto, os registros visuais auxiliam na pesquisa sobre a circulação das línguas no espaço público urbano da fronteira. Esta consiste da proposta dos estudos em torno das paisagens linguísticas. Conforme Maher (2013, p. 128), a observação da paisagem linguística “revela algumas das maneiras como falantes – ou simpatizantes – das línguas tornadas minoritárias no país vêm se mobilizando para torná-las visíveis, ajudando a mudar/moldar a ecologia linguística em nosso país.”

Cenoz e Gorter (2006) definem paisagem linguística como:

A língua dos sinais públicos de trânsito, cartazes publicitários, nomes de ruas, nomes de lugares, sinais de lojas e placas públicas em prédios do governo se combinam para formar a paisagem linguística de um determinado território, região ou aglomeração urbana (CENOZ; GORTER, 2006, p. 67, tradução nossa).

Este é um campo de estudos que nos auxilia na compreensão da forma como as relações de poder entre as línguas e as comunidades linguísticas são representadas no espaço urbano, além de nos fornecer elementos para a compreensão da identidade de grupos, da demarcação de territórios e dos efeitos da globalização na disponibilização das línguas nos espaços de circulação públicos.

De acordo com pesquisa feita por Silva, Pires-Santos e Jung (2016), a língua inglesa, o árabe e a língua espanhola são, a par da língua portuguesa, as línguas com maior incidência na paisagem linguística da cidade (SILVA; PIRES-SANTOS; JUNG, 2016, p. 1266): a língua inglesa pelo alto índice de turistas estrangeiros que visitam a cidade durante todo o ano, a língua espanhola por ser língua oficial dos países fronteiriços, e a língua árabe, nosso objeto de estudo, pela grande colônia de imigrantes.

Essas intervenções linguísticas no espaço urbano podem ser feitas por autoridades públicas como em placas oficiais do governo, nomes de ruas, placas turísticas caracterizando uma política linguística vertical, ou podem ser decisões tomadas por particulares em suas lojas, empresas, anúncios publicitários, grafite, sob a ótica de uma política linguística insurgente (BERGER; ELSENBACH, 2017).

No contexto transfronteiriço, as pesquisas de Silva, Pires-Santos e Jung (2016) e Berger e Elsenbach (2017) sobre a paisagem linguística relatam que é possível observar, na região central da cidade e próximo à fronteira com o Paraguai, restaurantes típicos, açougues de carne *halal*⁶, mercearias árabes, lojas de arguile e pessoas transitando com vestimentas tradicionais da cultura islâmica (SILVA; PIRES-SANTOS; JUNG, 2016). Nesses locais, segundo as autoras, há uma grande concentração de letreiros, anúncios e faixas na língua árabe.

Ao fazer uso da paisagem linguística em sua língua de herança, mesmo com letreiros bilíngues, é possível perceber as escolhas que a comunidade árabe faz em relação à gestão de sua língua. Ao estender o uso da língua não somente para uma gestão familiar, mas também para a paisagem linguística dos lugares que costumam frequentar, a comunidade árabe pode também estar demarcando seu território nesse cenário plurilíngue de fronteira (BERGER; ELSENBACH, 2017).

⁶ Carnes abatidas segundo a religião islâmica (SILVA; PIRES-SANTOS; JUNG, 2016).

As figuras 1 a 3, registradas em abril de 2018, reforçam a disposição da língua árabe na cidade e como a paisagem linguística é utilizada pela comunidade para gerir sua língua.

Figura 1 – Fachada do Colégio Árabe Brasileiro, localizado no Jardim Central.



Fonte: arquivo de observação em campo.

Figura 2 – Fachada da Sociedade Beneficente Islâmica



Fonte: arquivo de observação em campo.

Figura 3 – Carro empresarial estacionado no centro de Foz do Iguaçu.



Fonte: arquivo de observação em campo.

Conforme as imagens ilustram, a língua árabe está presente na paisagem linguística de Foz do Iguaçu, geralmente a par do português, como parte da iniciativa da comunidade, seja por parte dos dirigentes de escola (figura 1), de lideranças religiosas (figura 2), de comerciantes (figura 3). Trata-se de formas de gerir a presença da língua no espaço público urbano, identificando e demarcando um território como forma de expressão da identidade linguística e cultural da comunidade (BERGER, 2015).

5. Considerações finais

Através dos estudos de Ykegaya (2006) sobre a reconstrução de identidades de imigrantes na região de fronteira por meio da história da imigração árabe para o Brasil e para o município de Foz do Iguaçu, percebeu-se que esse povo resguarda sua cultura, mantendo laços estreitos com sua terra natal, recriando as tradições do local de origem no ambiente acolhedor, construindo e frequentando seus templos e suas associações.

Como nossas entrevistas e nossa pesquisa da paisagem linguística ilustram, essa comunidade identifica-se muito no seu bilinguismo, que reconhece como necessidade, mas também como traço identitário.

No que se refere à língua, dentro dessa valorização cultural e da recriação de tradições, o árabe, como língua de herança, tem tido sucesso em sua manutenção durante esses anos de presença no espaço plurilíngue da fronteira, devido à uma gestão que se estende do ambiente familiar aos espaços de culto e outros espaços de grande visibilidade, à utilização da língua na paisagem linguística, ao fato de a comunidade estar unida geograficamente. Percebe-se também uma política linguística *in vivo*, ou seja, quando a iniciativa de fundar instituições de ensino específicas para o aprendizado da língua árabe parte da comunidade minoritária. E é inegável como a religião está atrelada à gestão e à manutenção da língua.

Com a constante e expressiva chegada de imigrantes e de seus descendentes no Brasil e, em particular, na região da tríplice fronteira, a demanda por estudos referentes à gestão de línguas se torna cada vez mais crescente. Isso em razão do contínuo desenvolvimento do quadro sociolinguístico desse território, que configura uma riqueza pluricultural e plurilinguística, implicando estudos futuros e aprofundados sobre outras comunidades que vêm se estabelecendo na região, a exemplo de haitianos e venezuelanos.

Este estudo não foi desenvolvido apenas com vistas a dar visibilidade à comunidade árabe e a valorizar o potencial linguístico que ela possui dentro do mosaico pelo qual é constituída Foz do Iguaçu, mas também, e principalmente, serviu para lançar o olhar para os processos de gestão e manutenção de línguas desenvolvidos de maneira insurgente. A presença marcante das línguas trazidas pelos imigrantes nos espaços sociais de Foz do Iguaçu, principalmente a presença da língua árabe, foco de nosso estudo, traz também a reflexão, a partir das análises feitas sobre a gestão e a manutenção dessa língua minoritária, sobre a (in)existência de políticas

linguísticas verticais concernentes à gestão das línguas minoritárias que compõem o cenário sociolinguístico dessa cidade transfronteiriça (SILVA; PIRES-SANTOS; JUNG, 2016). Nesse sentido, observa-se que muito embora o poder público iguaçuense celebre o discurso de diversidade e harmonia entre os povos que residem na cidade (SILVA, 2017), a eficácia na manutenção linguística da comunidade árabe, em específico, deve-se às crenças que os próprios falantes possuem em relação à língua e aos esforços dos líderes religiosos, familiares, escolares em propagar entre os imigrantes e os descendentes a língua e a cultura dos países de origem.

Referências

AL-SOBH, M. A.; ABU-MELHIM, A.-R.; BANI-HANI, N. A. Diglossia as a result of language variation in Arabic: possible solutions in light of language planning. **Journal of Language Teaching and Research**, v. 6, n. 2, p. 274-279, 2015. DOI <https://doi.org/10.17507/jltr.0602.05>.

ARRUDA, A. M. T. **A presença libanesa em Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007. DOI <https://doi.org/10.18840/1980-8860/rvmd.v1n1p128-157>.

BERGER, I. R. **Gestão do multi/plurilinguismo em escolas brasileiras na fronteira Brasil-Paraguai: um olhar a partir do Observatório da Educação na Fronteira**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. DOI <https://doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2017v2n3p941>.

BERGER, I. R.; ELSENBACH, L. R. J. Gestão do multilinguismo no espaço visual público em Foz do Iguaçu: um estudo sobre a visibilidade da diversidade linguística. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 433-456, ago./dez. 2017. DOI <https://doi.org/10.22168/2237-6321.7.7.2.433-456>.

CALVET, L.-J. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.

CALVET, L.-J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

CENOZ, J.; GORTER, D. Linguistic landscape and minority languages. *In*: GORTER, D. **Linguistic landscape: A new approach to multilingualism**. Toronto: 2006. p. 67-80. DOI <https://doi.org/10.21832/9781853599170-005>.

FERNANDES, V. de O. **A (re)construção de identidades de imigrantes na região de fronteira**: um estudo a partir da escola árabe de Foz do Iguaçu. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2014. DOI <https://doi.org/10.17771/pucrio.acad.2254>.

FLORES, C.; MELO-PFEIFER, S. O conceito “língua de herança” na perspectiva da linguística e da didática de línguas: considerações pluridisciplinares em torno do perfil linguístico das crianças lusodescendentes na Alemanha. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 8, n. 3, p. 16-45, ago/dez. 2014. DOI <https://doi.org/10.14393/dlesp-v8n3a2014-3>. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/issue/view/1173>. Acesso em: 02 abr. 2018.

GORTER, D. **Linguistic Landscape: A New Approach to Multilingualism**. Toronto, 2006.

MAHER, T. M. Ecos de resistência: políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. *In*: NICOLAIDES, C.; SILVA, K. A. da; TILIO, R.; ROCHA, C. H. (org.). **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013, p. 93-116. DOI <https://doi.org/10.29051/el.v5i1.12790>.

SEIFFERT, A. P. **Línguas brasileiras de imigração faladas em São Bento do Sul (SC)**: estratégias para revitalização e manutenção das línguas na localidade. 2009. 215 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. DOI <https://doi.org/10.14393/19834071.2016.32970>.

SILVA, I.; PIRES-SANTOS, M.E.; JUNG, N. M. Multilinguismo e política linguística: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça. **Domínios de Lingu@gem**. vol. 10 n. 4, out./dez. 2016, p. 1257-1277. DOI <https://doi.org/10.14393/dl27-v10n4a2016-4>.

SILVA, M. A. da. **Breve história de Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2014. DOI <https://doi.org/10.11606/d.8.2006.tde-18062007-152226>.

SILVA, R. C. M. e. Diverse migration trajectories, diverse linguistic repertoires, local and transnational ties: arabic speakers in Foz do Iguaçu. *In*: CAVALCANTI, M. C.; MAHER, T. M. (org.). **Multilingual Brazil: language resources, identities and**

ideologies in a globalized world. Routledge, 2017. cap. 10. DOI <https://doi.org/10.4324/9781315623870-13>.

SILVA, R. C. M. e. Reordenação de identidade de imigrantes árabes em Foz do Iguaçu. **Trabalhos em linguística aplicada**, online, v. 47, n. 2, p. 357-373, 2008. DOI <https://doi.org/10.1590/s0103-18132008000200006>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v47n2/a06v47n2.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2018.

SPOLSKY, B. **Language management**. New York: Cambridge University Press, 2009.

SPOLSKY, B. Para uma Teoria de Políticas Linguísticas. **ReVEL**, vol. 14, n. 26, 2016.

YKEGAYA, T. G. **Imigração árabe em Foz do Iguaçu**: a construção de uma identidade étnica. 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2006.

Artigo recebido em: 20.04.2018

Artigo aprovado em: 15.10.2019